

---

## **Análise de Redes em Ciências Sociais, Aulas 1 e 2**

Inês Pereira

O conceito de rede, e a sua aplicação, quer enquanto metáfora analítica, quer enquanto procedimento metodológico formal, tem adquirido um estatuto preponderante na análise sociológica e antropológica contemporânea, que encontra paralelo na sua utilização recorrente no discurso actual ao nível do senso comum. O termo rede surge de forma quase omnipresente, referenciando tanto os processos de globalização mundial, como, a uma escala micro-analítica as relações inter-pessoais que estruturam as sociabilidades quotidianas. Neste sentido, a metáfora – quase-hegemónica – da rede atravessa escalas e temporalidades, adaptando-se a uma realidade social multi-facetada. Da sociedade em rede às redes de parentesco, passamos pelo terrorismo em rede, pelas redes tecnológicas (a rede surge, frequentemente, como sinónimo de internet) ou pelas estruturas organizativas de um Estado, também ele, organizado em rede.

As ciências sociais tendem, de resto, a explorar o potencial explicativo de determinadas metáforas, (note-se o uso já clássico das metáforas organicistas ou da metáfora do palco). Diferentes gerações de investigadores empregam termos específicos para designar, analisar e explicar as complexas componentes da realidade social. É neste âmbito que surge o termo rede, sendo a sua génese difícil de traçar e reivindicada por diferentes correntes entre as ciências sociais. O termo é utilizado desde logo pelos cientistas sociais da Escola da Manchester, e o seu uso difunde-se pela antropologia, antes de surgir como uma metodologia, progressivamente apurada até aos nossos dias. O seu uso pelo sociólogo Manuel Castells contribui para lhe dar um novo e importante fôlego, até à sua disseminação pelo discurso mediático, político e de senso comum patente nos dias de hoje.

Ao olhar do investigador que pretende encetar uma discussão sobre teoria de redes, facilmente se percebe que na utilização deste conceito, estamos perante uma acepção múltipla, que se desdobra em diversos trabalhos, com diferentes orientações e analisando contextos empíricos muito diversificados. Com efeito, diversos autores da sociologia e da antropologia têm utilizado a metáfora da rede, como forma de expressar dinâmicas de interdependência e de organização social (Agier, 1999; Castells, 2000; Epstein, 1980, Fisher, 1982; Granovetter, 1973; Hannerz, 1980; Wasserman e Faust,

---

1994; Wellman, 1998).

Numa breve, muito breve, recensão sobre os principais trabalhos que recorrem a esta metáfora poderemos salientar a utilização deste conceito em pelo menos quatro campos distintos. Em primeiro lugar, o conceito de rede tem sido utilizado como meio de explicar o desenvolvimento das sociedades contemporâneas e os processos de globalização: geradores de relações de interdependência em larga escala, associados ainda à questão do desenvolvimento de processos tecnológicos que permitem a implementação de infra-estruturas técnicas e a construção de auto-estradas da informação, permitindo pôr diversos pontos do globo em contacto. Diversos estudos mostram como as instituições centrais às sociedades contemporâneas, entre as quais o comércio, a economia, a indústria e o desenvolvimento tecnológico se encontram actualmente globalizados, sendo que a expressão ‘em rede’ representa esta realidade com bastante propriedade, demonstrando como diversos países e organizações se articulam entre si, mas em redes distintas que se podem ou não interpenetrar, e deixando de parte muitos indivíduos e instituições, que podem ser afectados por esse mundo em rede, mas que não estão necessariamente inseridos nesta rede (Castells: 1997, 2000, 2002; Giddens: 2000).

Noutra linha de estudos, enquadram-se as análises, oriundas da antropologia urbana e da sociologia urbana, que focam a construção de redes de sociabilidade, e que se debruçam particularmente sobre a vida nos grandes aglomerados populacionais, onde não pode haver um inter-conhecimento total, mas onde os habitantes estabelecem relações para lá dos seus vizinhos, espalhando-se pela cidade. Esta é, assim, apresentada como a rede das redes, enfatizando-se o potencial de (re)encontro que as cidades contemporâneas possuem, e dando conta da forma como as relações inter-pessoais, nomeadamente de parentesco e de amizade, se constroem em contexto urbano (Agier, 1999; Hannerz, 1980, Epstein, 1980).

Mais recentemente, o conceito tem sido utilizado em estudos que se debruçam sobre processos de interacção no seio de fronteiras potencialmente fechadas, como é o caso dos estudos sobre organizações ou associações. É no seio desta linha teórica que emergiu a corrente designada como Análise de Redes Sociais (Social Network Analysis), explorando a fundo as características das redes sociais, e desenvolvendo estratégias metodológicas formais que permitem sintetizar e comparar diferentes tipos de redes, com recurso a conceitos como densidade, centralidade, poder ou constituição

---

de subgrupos (Wittek, 2003; Flap, Völker, Lindenberg e Zamir, 2003; Araújo e Brito, 1998).

Finalmente, o conceito tem sido utilizado com particular preponderância nos trabalhos sobre a internet, de tal forma que, em certa medida, os dois termos se vieram a equiparar (Castells, 19997 e 2000)

Se na maior parte destes casos o conceito de rede surge enquanto uma metáfora para a forma, explorando morfologicamente as relações concretas entre indivíduos ou grupos, outras áreas disciplinares, que poderemos aqui agrupar conceptualmente, têm vindo a trabalhar sobre o estabelecimento de relações específicas, as quais servem de base a processos sociais para cujo desenrolar a estruturação em rede concorre fortemente, analisando-se, nomeadamente, o desenvolvimento de relações inter-pessoais nomeadamente de parentesco (Kellerhals, 1988; Bott, 1957) ou de sociabilidade (Fischer, 1982), o desenvolvimento tecnológico como produto da interacção entre um conjunto de intervenientes (Callon, 1986; Latour, 1993, 1995); ou os processos de criação cultural e identitária (Velho, 1994; Pereira, 2001).

Uma das principais mais-valias destes trabalhos tem sido demonstrar como os indivíduos se inserem em complexas redes de relações, ao invés de se confinarem em grupos fechados e predefinidos (Wellman, 1998), assinalando simultaneamente o impacto concomitante que uma multiplicidade de intervenientes exerce sobre a maior parte dos fenómenos sociais, ou seja, encarando os diversos processos sociais como resultado do entrecruzamento de relações entre diversos tipos de actores.

O conceito de rede surge, nos diferentes trabalhos anteriormente citados, em três grandes valências, convocando (1) uma determinada forma; (2) os processos de construção dessa mesma forma, e ainda (3) os impactos dessa forma numa miríade de processos sociais.

Por outro lado, o conceito de rede surge simultaneamente enquanto metáfora teórica, dando conta de uma forma relacional e de um modo de estruturação das relações entre indivíduos, grupos e instituições (entre si e uns com os outros) e enquanto estratégia metodológica, principalmente no caso dos trabalhos sobre redes fechadas, que exploraram intensivamente a análise das diferentes características de redes sociais, quer focando-se no interior de uma rede específica (pressupondo a possibilidade de delimitação de fronteiras ainda que analíticas da rede em questão), quer analisando o

---

cruzamentos entre redes parciais diversas, nas diferentes províncias de significado que estruturam diferentes redes parciais, conectadas entre si (Velho, 1994, Simmel, 1955, Magnani, 2002). Note-se ainda que o conceito teórico de rede surge também com um duplo sentido, por um lado, enquanto ponto de vista sobre qualquer forma relacional onde diferentes nós se articulam entre si (surgindo neste caso como um conceito próximo do de estrutura ou sistema); por outro enquanto um tipo específico de forma relacional, um sistema aberto, de cariz geralmente horizontal, flexível.

Nestas aulas procurar-se-á utilizar o conceito de rede enquanto ponto de vista, como forma de olhar a sociedade, atentando particularmente nas formas relacionais que a estruturam e no processo de construção dessas mesmas formas. Nesse sentido, o termo rede significa mais um modo de olhar a realidade (qualquer que ela seja) do que um meio para descrever um determinado tipo de estrutura. O desafio de uma teoria de redes é precisamente, conseguir utilizar este conceito como uma ferramenta simultaneamente teórica e metodológica, combinando a descrição morfológica de uma determinada estrutura com as condições de emergência desta e com os seus impactos. À representação descritiva de um conjunto de relações sociais em concreto, soma-se assim, a ideia da rede enquanto instrumento analítico que permite explicar e perceber como se constroem estas relações e qual o seu impacto.

## Bibliografia

- Agier, Michel (1999), 'Réseaux et engagements: les uns avec les autres', L'invention de la ville, Banlieues, townships, invasions, et favelas, Éditions des archives contemporaines, Paris (pp. 101-130)
- Araújo, Luís e Carlos Brito, (1998) 'Agency and constitutional ordering in networks, a case study of the wine port industry', *Int. studies of management and organization*, vol 27, nº 4, Winter 97-98, pg 22-46
- Bott, Elizabeth, (1957) *Family and Social Network: Roles, Norms, and External Relationships in Ordinary Urban Families*, Tavistock Publications
- Castells, Manuel (1997), *The Information Age: Economy, Society and Culture, Volume I e II*, Oxford, Blackwell
- Castells, Manuel (2001) *The Internet galaxy. Reflections on the Internet, business, and society*, Oxford, Oxford university press
- Cuco, Josepa (2004), *Antropologia Urbana*, Barcelona, Ariel
- Diani, Mario e Douglas McAdam (eds), (2003) *Social Movements and Networks, Relational Approaches To collective action*, Oxford, Oxford Scholarship Online Monographs

- 
- Epstein, Arnold L. (1980) "La rete e l'organizzazione sociale urbana", in C.PITTO Ed., *Antropologia Urbana*, Feltrinelli, Milano
- Fisher, Claude S., *To Dwell Among Friends, Personal Networks in Town and City*, Chicago e London, The University of Chicago Press
- Flap, Henk, Beate Völker, Sigi Lindenberg & Iris Zamir (2003) 'When Are Neighborhoods Communities? Solidarity Among Neighbors', apresentado no workshop: Introduction to Social Network Analysis for Organisation Studies', ISEG. Junho 2003
- Granovetter, Mark (1973) 'The strength of weak ties', *American Journal of Sociology*, 78 (6) pp. 1360-1380
- Hanneman, Robert (2001), *Introduction to social network methods, dept. of Sociology*, University of California, Riverside (online guide)
- Hannerz, Ulf, (1980) *Exploring the city, inquiries toward and urban anthropology*, New York, Columbia University Press
- Kellerhals, Jean e Huguette McCluskey, (1988) 'Uma topografia subjectiva de parentesco, contributo para o estudo das redes de parentesco nas famílias urbanas', em *Sociologia Problemas e Práticas* n° 5, Oeiras, Celta Editora
- Magnani, José Guilherme Cantor, (2002) De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n° 49, São Paulo <<http://www.n-a-u.org/DEPERTOEDEDENTRO.html>>
- Miranda, David, (2003) 'Em rede': Algumas questões epistemológicas, em José Rebelo (coord.) *Novas Formas de mobilização popular*, Porto, Campo das Letras
- Pereira, Inês, 'Movimentos em rede, Uma história do Software Livre', em Cardoso, Gustavo, Rita Espanha (orgs.) (2006), *Comunicação e Jornalismo na Era da Informação*, Campo dos Media
- Sáez, Victor Mari (coord) (2004a) *La red es de todos, cuando los movimientos sociales se aproprian de la red*, Madrid, Editorial Popular,
- Santos, Felix Requena, (1989) 'Los lazos sociales' em *Amigos y redes sociales, elementos para una sociologia de la amistad*, CIS, Madrid
- Simmel, Georg (1955) 'The Web of Group Affiliation', em *The Conflict- The Web of Group Affiliation*, New York, The Free press
- Ugarte, David, (2004) *11 M, Redes para ganar una Guerra*, Icaria, Barcelona
- Velho, Gilberto (1994), *Projecto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Wasserman, Stanley e Katherine Faust (cords.) (1994) *Social network analysis, methods and applications*, Cambridge, University Press
- Wellman, Barry, 'From Little Boxes to Loosely-Bounded Networks: The Privatization and Domestication of Community', in *Sociology for the Twenty-First Century: Continuities and Cutting Edges*, ed. Janet Abu-Lughod, University of Chicago Press, 1999 (pp. 94-114)
- Witteck, Rafael, (2003) 'Social capital in organizations, Forms, sources and effects', apresentado no workshop: Introduction to Social Network Analysis for Organisation Studies', ISEG. Junho 2003